

Organizando o socialismo do século XXI: reflexões sobre a história e o futuro do leninismo¹

Paul Le Blanc ²

Resumo: Este texto foi apresentado por Paul Le Blanc no seminário “Organizando o socialismo do século 21”, ocorrido em Sydney (Austrália) no dia 08 de junho de 2013. O autor defende que vale a pena falar de leninismo não apenas para entender um pouco do que aconteceu na história, mas também para ajudar a mudar o mundo no aqui e agora, neste início do século XXI. Ele explica o que entende pelo termo *leninismo*, depois toca em várias controvérsias históricas que podem jogar luz sobre como fazer uso dessa tradição no trabalho político atual. E por fim o autor faz algumas reflexões sobre formas de aplicar e contribuir para a tradição leninista no tocante aos esforços práticos para o próximo período histórico.

Palavras-chave: Lenin; socialismo; leninismo

Abstract: This text was presented by Paul Le Blanc at the seminar “Organizing 21st century socialism”, held in Sydney (Australia) on June 8, 2013. The author argues that it is worth talking about Leninism not only to understand a little of the what happened in history, but also to help change the world in the here and now, at the beginning of the 21st century. He explains what he understands by the term Leninism, then touches on several historical controversies that may shed light on how to make use of this tradition in current political work. Finally, the author makes some reflections on ways to apply and contribute to the Leninist tradition in terms of practical efforts for the next historical period.

Key-words: Lenin; socialism; leninism

Vale a pena falar de leninismo não apenas para entender um pouco do que aconteceu na história, mas também para ajudar a mudar o mundo no aqui e agora, neste início do século XXI. Quero explicar o que eu entendo pelo termo *leninismo*, depois tocar em várias controvérsias históricas que podem jogar luz sobre como fazer uso dessa tradição em nosso trabalho político atual. Isso será seguido de algumas reflexões sobre formas de aplicar e contribuir para a tradição leninista em nossos esforços práticos para o próximo período.

Neste período particular de radicalização e agitação, enquanto ativistas estão engajados em categorizar através de suas próprias experiências, colhendo mais informações sobre as realidades relacionadas com tais experiências, e em se confrontar com as ideias e exemplos de revolucionários que nos precederam, uma séria confrontação com a tradição leninista é inevitável.

Isto não porque este revolucionário, há muito falecido, possa nos dizer tudo o que precisamos saber sobre a construção de uma organização, um movimento e um conjunto

¹ Tradução de Pedro Barbosa. Este texto é a tradução do capítulo final do livro *Unfinished leninism – the rise and return of a revolutionary doctrine* (Haymarket Books, 2014), de Paul Le Blanc. (Nota da tradução)

² Paul Le Blanc é professor de história na *La Roche College*, escreveu sobre e participou nos movimentos radicais, de trabalhadores e pelos direitos civis e é autor de livros como *Marx, Lenin and the revolutionary experience* e *Lenin and the revolutionary party*. Ele também editou um volume dos escritos de Lênin, intitulado *Revolution, democracy, socialism*. Outros livros incluem *A short history of the U.S. working class* e *Work and struggle: voices from U.S. labor radicalism*. Além disso, ele foi coautor, com o economista Michael Yates, do altamente aclamado *A freedom budget for all americans: recapturing the promise of the civil rights movement in the struggle for economic justice today*. (Nota da tradução)

de lutas capazes de fazer uma revolução. Lênin e seus camaradas viveram em um tempo muito diferente, trabalharam em um contexto político, tecnológico e cultural que era dramaticamente diferente do nosso, e também Lênin compreendeu de maneira equivocada coisas importantes – cometendo erros dos quais, diferente de nós, ele não pode mais aprender³.

Uma confrontação séria com o leninismo é inevitável para ativistas sérios porque Lênin e seus camaradas desenvolveram um corpo de pensamento e experiência incrivelmente ricos enquanto encaravam a opressão, a destrutividade e a violência do capitalismo, e esse pensamento e experiência tiveram um impacto poderoso – por um tempo – no sentido de ajudar os trabalhadores e os oprimidos a conquistar importantes vitórias. O capitalismo continua a existir, a classe trabalhadora continua a existir, várias formas de opressão, destrutividade e violência capitalistas continuam a existir. É disso que se tratam o movimento *Occupy*, a primavera árabe, as rebeliões anti-austeridade e outras insurgências de nosso tempo. Portanto, faz sentido considerar o que a tradição leninista pode oferecer⁴.

O significado e o valor do leninismo

Se tornou comum entre alguns na esquerda contrastar o próprio pensamento de Lênin com o que veio a ser conhecido como “leninismo”. Eu não aceito isso.

Como nós podemos compreender melhor o “leninismo”?⁵ No clássico influente de Josef Stálin, de 1924, *Os fundamentos do leninismo*, nos é dito que “o leninismo é o marxismo na era do imperialismo e da revolução proletária” – sugerindo que, se você deseja ser um marxista genuíno, você não pode questionar mas apenas adotar as ideias de Lênin. Vale contrastar essa formulação totalitária com formulações bem diferentes de outros três camaradas proeminentes de Lênin: Nikolai Bukharin, Gregory Zinoviev e Leon Trótski. Em sua valiosa biografia de Stálin, Robert C. Tucker observa que Bukharin e Zinoviev se referem ao leninismo como a *recuperação*, feita por Lênin, da orientação revolucionária de Marx ou sua *aplicação* das ideias de Marx às realidades russas. Trotsky vai até o ponto de alertar que – como Tucker parafraseia – “uma dogmatização de Lênin era contrária ao espírito essencialmente não doutrinário, inovador e crítico espírito do leninismo”. Em contraste, a formulação de Stálin de que “o leninismo é o marxismo” apresenta o pensamento de Lênin como o único verdadeiro marxismo que não poderia ser questionado. Seu panfleto de 1924 fornece uma sistematização condensada que era “catequizadora no estilo e autoritária no tom”, como Tucker habilmente nota⁶.

Relacionado a isso, vale lembrar um ensaio muito refinado de 1977 intitulado “Stálin, Lênin e ‘leninismo’”, de Valentino Gerratana (um excepcional acadêmico que realizou um importante trabalho sobre o marxista italiano Antonio Gramsci), que

³ Ver Paul Le Blanc, “Ten reasons for not reading Lenin” [“Dez razões para não ler Lênin”], in V. I. Lenin, *Revolution, democracy, socialism: selected essays*, ed. Paul Le Blanc (London: Pluto Press, 2008), p. 3-80.

⁴ Duas valiosas discussões das realidades atuais podem ser encontradas em: Paul Mason, *Why it's still kicking off everywhere: the new global revolutions* (London: Verso, 2013); Luke Cooper e Simon Hardy, *Beyond capitalism? The future of radical politics* (Winchester, UK: Zero Books, 2012).

⁵ Nesta passagem, o autor retirou da versão final uma afirmação que constava de sua apresentação inicial. Por sua relevância, indicamos aqui: “É claro, existe mais de uma versão de ‘leninismo’”. (Nota da tradução)

⁶ J. Stalin, *The foundations of leninism* em Stálin, *Problems of leninism* (Peking: Foreign Languages Press, 1976), p. 3; ver também o arquivo online sobre Stálin, <http://www.marxists.org/reference/archive/stalin/works/1924/foundationsleninism/introduction.htm>. Robert C. Tucker, *Stalin as a revolutionary 1879-1929* (New York: W. W. Norton, 1974), p. 313-329.

ênfatizava que “enquanto ele ainda estava vivo, Lênin não era venerado como uma *fonte* de autoridade – mesmo que ele possuísse uma autoridade pessoal considerável”, derivada da qualidade de seu pensamento e de sua prática política. A construção de um “leninismo” artificial *como uma fonte de autoridade* (que não poderia ser questionada e que então empoderava fortemente aqueles que alegavam representá-la) foi levada a cabo com maior sucesso e destrutividade por Stálin, cuja ditadura destruiu o leninismo sob a bandeira do leninismo, para parafrasear o que um de seus críticos mais ferozes, o comunista dissidente M. N. Riutin, escreveu no início dos anos de 1930⁷. Gerratana refletiu:

A redução do pensamento de Lênin a uma forma sistemática e *concentrada*, e a construção de um sistema teórico acabado, envolveu não somente a exclusão de tudo o que foi considerado acidental para o desenvolvimento de seu pensamento, mas também a separação entre o resultado final e o processo que o gerou – as oscilações, aproximações, erros e correções essenciais ao processo em si. Além disso, deveria ser reconhecido que o processo permaneceu incompleto, e foi rapidamente cortado em um momento de profunda tensão intelectual, quando Lênin estava procurando com dificuldade por um novo caminho a seguir. Assim, todo o projeto de seus sucessores [que construíram esse “leninismo” artificial] foi desde o princípio baseado em uma mistificação.⁸

Lênin foi influenciado por outros pensadores. Ele era, em muito, uma parte do que Lars Lih chamou de “o melhor do marxismo da Segunda Internacional”. O assim chamado “leninismo” de dogmas fechados e acabados era incompatível com toda a abordagem de Lênin sobre a política. Mas pode-se argumentar que ele ajudou a gerar uma abordagem política e um corpo de pensamento distintivos – para ser breve, o que poderia ser chamado de um genuíno *leninismo* – aos quais vale dar atenção.

O ponto de partida bastante não original de Lênin (compartilhado com Karl Marx, Karl Kautsky, Rosa Luxemburgo e outros) é uma convicção na necessária interconexão entre a teoria e prática socialistas com a classe trabalhadora e o movimento operário. A classe trabalhadora não pode defender adequadamente os seus interesses reais e superar a sua opressão, em sua visão, sem abraçar o objetivo do socialismo – um sistema econômico no qual a economia é de propriedade social e controlada democraticamente para atender às necessidades de todo o povo.

Essa orientação fundamental é a base para a maior parte do que Lênin tem para dizer, o que tomado de conjunto constitui o que Marcel Liebman uma vez chamou de o “leninismo” de Lênin. O escopo de seu pensamento político é algo que eu tentei transmitir em minha coleção de seus escritos intitulada “Revolução, Democracia, Socialismo” [*Revolution, Democracy, Socialism*], Pluto Press, 2008]. Engloba vários aspectos do movimento operário: cultura e consciência de classe, sindicatos, movimentos sociais por reformas, a relação entre reforma e revolução, lutas eleitorais, dinâmicas de construção partidária, coalizões de frente única, alianças de classe (especialmente a aliança operário-camponesa), a interação entre lutas democráticas e

⁷ Riutin citado em Paul Le Blanc, *Marx, Lenin and the revolutionary experience: studies of communism and radicalism in the age of globalization* (New York: Routledge, 2006), p. 133-134; Sobhanlal Datta Gupta, ed., *The Ryutin platform, Stalin and the crisis of proletarian dictatorship: platform of the “Union of marxists-leninists”* (Kolkata, India: Seribaan Books, 2010), p. 138.

⁸ Valentino Gerratana, “Stalin, Lenin and ‘leninism’”, *New Left Review* 1, nº 103, maio-junho 1977: <https://newleftreview.org/issues/i103/articles/valentino-gerratana-stalin-lenin-and-leninism>

socialistas, questões de nacionalismo e imperialismo, modos de utilização da teoria marxista, entre outros aspectos⁹.

Em certos pontos, a utilização do marxismo, feita por Lênin, era diferente de parte daquilo que se passou por marxismo entre uma maioria dos socialistas do mundo por volta de 1919, quando a Internacional Comunista foi formada. O que distinguia os bolcheviques de Lênin diante de muitos outros é uma recusa a fazer certos compromissos, tanto com políticos capitalistas quanto com burocracias operárias, e uma determinação de seguir adiante e até o fim as implicações da orientação marxista revolucionária tal como expresso nos escritos de Lênin. Isto sugere que existia um elemento decisivo de diferença, quando tudo havia sido dito e feito, entre o tipo de partido do qual Kautsky era um membro na Alemanha e o tipo de partido que Lênin e seus camaradas estavam efetivamente construindo na Rússia. Ao mesmo tempo, como enfatizaram Neil Harding, Lars Lih, August Nimtz e outros, o pensamento de Lênin pode ser compreendido de maneira mais frutífera em continuidade com o de Marx. Como o reformista Eduard Bernstein disse certa vez: “Você sabe, Marx tinha um forte traço bolchevique!”¹⁰.

Os camaradas de Lênin

Outro ponto-chave é que as ideias e esforços políticos práticos de Lênin não podem ser compreendidos adequadamente fora do contexto de seus camaradas e co-pensadores. Vai contra a índole do próprio método de Lênin, e contra o que efetivamente aconteceu na história, apresentar Lênin não como um entre um diverso conjunto de camaradas competentes, mas como o único representante autorizado do verdadeiro marxismo. Por mais que se possa sustentar que Lênin era o primeiro dentre seus iguais, é total e simplesmente errado desqualificar seus camaradas no sentido de considerá-los como um conjunto de homens e mulheres que só diziam “sim, senhor”, ou como um bando inadequado que nunca esteve à altura. Um problema de muitos de nós na tradição trotskista é uma tendência a ver outros bolcheviques proeminentes simplesmente como trapalhões – eles erraram, eles se enganaram, eles fracassaram em permanecer fiéis ao brilho de seu pretenso mentor.

Pensar que uma revolução pode realmente ser compreendida deste modo, e pensar que uma organização revolucionária efetiva pode ser construída de acordo com tal modelo, é altamente problemático.

Dois dos bodes expiatórios favoritos daqueles que desejam elevar Lênin acima de seus seguidores são Gregory Zinoviev e Lev Kamenev. Lars Lih possui a distinção de estar na vanguarda daqueles inclinados a ir contra a desqualificação destes dois camaradas próximos de Lênin. Sua defesa de Zinoviev vale a pena ser lida. Quase acrítico, Lih escreve: “Dois comentários do [proeminente bolchevique Anatoly] Lunacharsky me parecem tocar no ponto certo: ele chamou Zinoviev de ‘uma pessoa que tinha profunda compreensão da essência do bolchevismo’ e que era ‘romanticamente’ devota ao partido. Eu vou apresentar Zinoviev como alguém que estava sob o feitiço do drama leninista da hegemonia, mas com uma decidida inclinação populista”¹¹.

⁹ Le Blanc, “Ten reasons for not reading Lenin”, em Lenin, *Revolution, democracy, socialism*, p. 60-61.

¹⁰ Citado em Sidney Hook, *Towards the understanding of Karl Marx* (New York: John Day Co., 1933), p. 43.

¹¹ Lars T. Lih, “Zinoviev: leninista populista”, em Ben Lewis and Lars T. Lih, eds., *Zinoviev and Martov: head to head in Halle* (London: November Publications, 2011), p. 40. Para o retrato feito pela pena de Lunacharsky, ver *Revolutionary silhouettes* (New York: Hill and Wang, 1968), p. 75-82.

Lih nos conta que na República Soviética, no início de 1920, Zinoviev estava insistindo que “deve ocorrer uma reorganização partidária para aproximar as células do chão de fábrica. A democracia partidária – especialmente no sentido da livre discussão – deveria ser intensificada como o meio básico de educação partidária”. Ele acrescenta (baseado em uma avaliação crítica dos escritos de Zinoviev): “Minha impressão é que Zinoviev estava genuinamente preocupado com os problemas encarados pelas pessoas comuns”. A respeito de sua influência na Comintern [Internacional Comunista], Lih escreve:

A ênfase de Zinoviev no conceito de hegemonia nos faz pensar em Antonio Gramsci. Enquanto um comunista estrangeiro, Gramsci lidaria mais com Zinoviev do que com qualquer outro dirigente bolchevique e deve ter sido influenciado por sua compreensão particular do leninismo. Certamente teria sido satisfatoriamente irônico se o menosprezado Zinoviev resultasse, no fim das contas, ter uma influência intelectual mais duradoura (através de seu talentoso pupilo Gramsci) do que qualquer outro grande bolchevique.¹²

Eu argumentaria que uma influência intelectual duradoura pode ser mais corretamente atribuída ao próprio Lênin, e também a Leon Trótski. Isto não é para sugerir que Zinoviev estivesse livre de sérios erros, alguns dos quais foram destacados por revolucionários que trabalharam com ele – Alfred Rosmer, Victor Serge, Angelica Balabanoff e outros. Isso era especialmente visível em parte da sua atuação na Internacional Comunista – na qual ele buscou o que acabou por se mostrar como atalhos danosos, às vezes relacionados a medidas desonestas ou arbitrárias, ajudou a iniciar uma caluniosa e destrutiva campanha anti-Trótski e lançou uma assim chamada campanha de “bolchevização”, movendo-se na direção de uma Internacional Comunista super-centralizada na qual as decisões eram tomadas e as ordens eram reforçadas a partir de Moscou, a sede da Comintern – às vezes, em anos posteriores, referida criticamente como “Cominternismo” (por exemplo, no discurso de James P. Cannon em 1953, “Internationalism and the SWP”) e às vezes, mais recentemente, como “zinovievismo”. Cannon comentou: “Após a degeneração do partido russo e a emergência do stalinismo, o centralismo da Comintern – que Trótski e Lênin haviam manejado como uma espada de dois gumes, que eles não queriam balançar sem cuidado – se tornou, nas mãos de Stálin, um instrumento para suprimir todo pensamento independente no movimento”. Entretanto, Zinoviev foi a figura de transição neste desenvolvimento negativo, especialmente quando – intimamente alinhado com Stálin de 1922 a 1926 – ajudou a desenvolver uma teoria e prática do “leninismo” crescentemente antidemocrática, que rapidamente se voltou contra o próprio Zinoviev, quando ele

¹² Lih, p. 58-59. A conexão, feita por Lih, do pensamento de Gramsci com o de Zinoviev merece um exame crítico, mas é parcialmente corroborado pela carta de Gramsci a Palmiro Togliatti, de 1926, na qual ele afirma: “Os camaradas Zinoviev, Trótski e Kamenev fizeram poderosas contribuições no sentido de nos educar para a revolução. Por vezes eles nos corrigiram enérgica e severamente; eles foram nossos professores”. A citação pode ser encontrada em John M. Cammett, *Antonio Gramsci and the origins of italian communism* (Stanford, CA: Stanford University Press, 1967), p. 181; para mais indicações da influência de Zinoviev, ver Alastair Davidson, *Antonio Gramsci: towards an intellectual biography* (London: Merlin, 1977), p. 199-202, 204-205 e 236, Antonio Gramsci, *Selections from the prison notebooks* (New York: International Publishers, 1977), p. 169-170 e Peter D. Thomas, *The gramscian moment: philosophy, hegemony and marxism* (Chicago: Haymarket, 2010), p. 165-167.

começou a discordar e resistir ao modo como as políticas de Stálin estavam se desdobrando¹³.

Mas a ênfase de Lih na necessidade de tomar seriamente Zinoviev como um revolucionário me parece bem colocada, entretanto. Lih também se colocou ao lado de Lev Kamenev, o alvo da crítica de Lênin de um “velho bolchevismo” supostamente ossificado em 1917, por exemplo em “The ironic triumph of old bolshevism: the debates of april 1917 in context” [“O triunfo irônico do velho bolchevismo: os debates de abril de 1917 em contexto”], no jornal *Russian History*, alguns anos atrás. Lars contesta o relato padrão segundo o qual Lênin – contra as objeções do “velho bolchevismo” de Kamenev – teria reorientado o partido bolchevique em preparação para a revolução de outubro, escrevendo que “Kamenev parece acreditar que venceu o debate com Lênin em abril de 1917”, e Lars sugere que Kamenev estava certo¹⁴. Não é necessário concordar completamente com esta reinterpretação do debate de abril de 1917 para apreciar a contribuição positiva de Lih.

Uma discordância parcial pode ser construída ao se fazer referência às memórias de uma testemunha ocular testemunha ocular, camarada íntima e companheira devota de Lênin, Nadezhda Krupskaya, uma revolucionária sagaz em seu próprio direito. Em suas *Reminiscences of Lenin* [“Reminiscências de Lênin”], Krupskaya cita Lênin para indicar seu ponto de vista no início de 1917: “Sem dúvida, esta revolução porvir só pode ser uma revolução proletária, e em um sentido ainda mais profundo da palavra: uma revolução proletária socialista. Esta revolução porvir mostrará em um grau ainda maior, por um lado, que somente batalhas implacáveis, somente guerras civis, podem libertar a humanidade do jugo do capital; por outro lado, que somente proletários com consciência de classe podem e irão dar direção para a vasta maioria dos explorados”¹⁵.

Krupskaya descreveu a apresentação das *Teses de abril* deste modo: “Lênin expôs sua visão a respeito do que deveria ser feito em um número de teses. Nestas teses, ele avaliou a situação e claramente explicou os objetivos que deveriam ser perseguidos e os caminhos que deveriam ser seguidos para atingi-los. Os camaradas ficaram desconcertados naquele momento. Muitos deles pensaram que Ilyich estava apresentando o caso de uma maneira muito grosseira, e que era muito cedo para falar de uma revolução socialista”. Ela observa que as teses de Lênin foram publicadas no jornal bolchevique *Pravda*, acompanhadas de uma polêmica por parte de Kamenev “na qual ele se dissociava de tais teses. O artigo de Kamenev dizia que elas eram expressão

¹³ Críticas severas elaboradas por quatro pessoas que conheceram Zinoviev podem ser encontradas em: Alfred Rosmer, *Moscow under Lenin* (New York: Monthly Review Press, 1973), p. 54, 83, 182 e 207-209, e uma passagem da conclusão da edição francesa, citada em Emile Fabrol, “O prelúdio ao stalinismo”, em Alfred Rosmer, Boris Souvarine, Emile Fabrol and Antoine Clavez, *Trotsky and the origins of trotskyism* (London: Francis Boutle Publishers, 2002), p. 20-21; Victor Serge, *From Lenin to Stalin* (New York: Pathfinder Press, 1973), p. 53-56 e *Memórias de um revolucionário* (New York: New York Review of Books, 2012), p. 84, 132, 158, 207 e 225; Franz Borkenau em *World communism* (Ann Arbor: University of Michigan Press, 1962), p. 163, 203 e 227; Angelica Balabanoff, *My life as a rebel* (Bloomington, IN: Indiana University Press, 1973), p. 220-224 e 283. Balabanoff é a mais implacavelmente negativa – Rosmer, Serge e Borkenau, que o conheceram melhor e por mais tempo, apontam qualidades positivas que fornecem um retrato mais equilibrado. Para mais sobre Zinoviev, ver Georges Haupt and Jean-Jacques Marie, *Makers of the russian revolution: biographies of bolshevik leaders* (Ithaca, NY: Cornell University Press, 1974), p. 95-106. Para a crítica de James P. Cannon ao “Cominternismo”, ver “Internationalism and the SWP” em Cannon, *Speeches to the party* (New York: Pathfinder Press, 1973), p. 67-91 e www.marxists.org/archive/cannon/works/1953/international.htm

¹⁴ Lars T. Lih, “The ironic triumph of old bolshevism: the debates of april 1917 in context”, *Russian History*, 38 (2011): p. 200.

¹⁵ N. S. Krupskaya, *Reminiscences of Lenin* (New York: International Publishers, 1970), p. 335.

das visões pessoais de Lênin, que nem o *Pravda* e nem o *Bureau* do Comitê Central compartilhavam-nas. Não foram estas teses de Lênin que os delegados bolcheviques aceitaram, mas aquelas do *Bureau* do Comitê Central, alegava Kamenev¹⁶.

Krupskaya concluiu: “Uma luta se iniciou dentro da organização bolchevique. Ela não durou muito”. Dentro de uma semana, a posição de Lênin foi apoiada pela maioria dos bolcheviques. Este relato é similar ao que se encontra nos relatos de outras testemunhas oculares – os mencheviques Nikolai Sukhanov e Raphael Abramovitch, a menchevique que se tornou bolchevique Alexandra Kollontai e o bolchevique que se tornou menchevique W. S. Woytinsky¹⁷.

Existem três fatos extremamente importantes que, no entanto, emergem do relato de Lars Lih. Em primeiro lugar, Lênin não se sentia restringido por alguma noção rígida de “centralismo democrático”, no sentido de precisar se abster de expressar suas próprias visões quando elas estavam em contradição com aquelas da direção formal do partido revolucionário ao qual ele pertencia. Para Lênin, os princípios revolucionários sempre triunfam sobre a harmonia organizativa, e este era um elemento essencial de sua concepção de centralismo democrático e de organização revolucionária.

Em segundo lugar, um debate aberto entre camaradas nas páginas do jornal do partido não era de modo algum algo alheio ao leninismo dos jovens bolcheviques. Em um artigo recente, Lih cita uma história do partido bolchevique escrita em 1925 por um organizador bolchevique veterano, Vladimir Nevsky, que nos conta que o centralismo democrático representava “democracia completa”, explicando que em 1917 “a organização dos bolcheviques viveu totalmente a vida de uma organização proletária democrática genuína”, com “livre discussão, uma viva troca de opiniões”, ocorrendo na “ausência de qualquer atitude burocrática de terminar as discussões – em um palavra, a participação ativa de enfaticamente todos os membros nas questões da organização”¹⁸.

Em terceiro lugar, o “velho bolchevismo” que Kamenev defendia havia sido uma orientação desenvolvida coletivamente, a posição comum de Lênin e seus camaradas bolcheviques, dos quais ele agora discordava. Tanto a ala bolchevique quanto a menchevique do socialismo russo havia enxergado a revolução russa como “democrático-burguesa” – preliminar à futura transição ao socialismo. Mas em 1917, não menos do que antes, a política de todos os bolcheviques estava embasada em uma orientação militante de luta de classes, distinta da posição pela aliança operário-capitalista dos mencheviques, projetando uma intransigente aliança operário-camponesa. Esta base comum entre o “velho bolchevismo” e as *Teses de abril*, enraizada na política desenvolvida coletivamente durante um período de anos (não a ofuscante autoridade revolucionária do Líder Inquestionável), foi o que fez ser relativamente fácil para Lênin vencer o debate tão rapidamente em 1917.

Internacional Comunista

¹⁶ *Ibid.*, p. 348-349.

¹⁷ *Ibid.*, p. 349-351; N. N. Sukhanov, *The russian revolution 1917: a personal record* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1984), p. 280-289; Raphael R. Abramovitch, *The soviet revolution 1917-1939* (New York: International Universities Press, 1962), p. 30-32; W. S. Woytinsky, *Stormy passage: a personal history through two russian revolutions to democracy and freedom: 1905-1960* (New York: Vanguard Press, 1961), p. 265-267; Alexandra Kollontai, *The autobiography of a sexually emancipated communist woman* (New York: Schocken Books, 1975), p. 31.

¹⁸ Lars Lih, “Democratic centralism: fortunes of a formula”, *Weekly Worker*, 11 de abril, 2013: <http://links.org.au/node/3300>

Há outro aspecto do leninismo, frequentemente levantado como um traço verdadeiramente negativo a ser evitado por ativistas sérios de hoje. Trata-se do sectarismo extremo e intolerante que se pressupõe ter estado no centro do coração da Internacional Comunista que Lênin e seus camaradas fundaram, da qual Gregory Zinoviev foi o presidente de 1919 a 1926. Às vezes, críticos da forma que o leninismo adquiriu neste período o denunciam como “zinovievismo” (o que já observamos), mas há uma tendência a estender isto ao momento histórico dos primeiros dias da Comintern. Parte do que se denuncia, no entanto, pode ser mais justamente colocado na porta de Lênin – em particular as 21 condições para a filiação à Internacional Comunista.

Adotado no Segundo Congresso da Comintern [Internacional Comunista], este documento começou com uma importante explicação. A popularidade inicial da revolução russa e da Internacional Comunista, entre trabalhadores em radicalização em vários países, atraiu alguns partidos que não estavam efetivamente de acordo com o programa marxista revolucionário da nova Internacional, particularmente alguns ainda dirigidos por lideranças reformistas ou semi-reformistas intimamente associadas com a Segunda Internacional. Isto significava que a Comintern “está sob o perigo de ser diluída por grupos vacilantes e irresolutos que ainda não romperam com a ideologia da Segunda Internacional”. Esta ideologia havia levado a uma capitulação geral diante do massacre imperialista da 1ª Guerra Mundial e à supressão de revolucionários do interior de várias organizações.

As condições incrivelmente rígidas concebidas para prevenir a possibilidade de tal diluição reformista excluía explicitamente qualquer consideração de participação como membro na Comintern para conhecidos socialistas-reformistas, insistindo na necessidade de se aderir aos princípios comunistas e às perspectivas organizativas, sem a permissão de nenhum laço organizativo com os partidos e sindicatos associados à Segunda Internacional.

Isto é utilizado por alguns críticos para descartar Lênin e a Comintern como autoritários e destrutivos. Uma tal abordagem a-histórica, no entanto, não somente ignora o contexto histórico específico que deu causa à adoção dos 21 pontos, mas nos incentiva a descartar os esforços de incontáveis revolucionários que fizeram a jovem Internacional Comunista uma realidade viva. Um exame sério do imenso e multi-volume trabalho sobre tal entidade, feito por John Riddell e seus colegas, o que inclui contribuições consideráveis sobre a superação do sectarismo, a construção de frentes únicas, etc., sugere a superficialidade de uma tal abordagem.

Isto não significa insistir que todos os aspectos das vinte e uma condições devem ser aceitos, ou que nenhum deles é criticável. Para iniciar uma crítica séria, no entanto, também faz sentido levar a sério as razões apresentadas para a sua adoção – razões que naquele momento particular da história talvez tenham tido maior validade do que alguns críticos admitem.

Isto nos leva a um ponto final nesta parte inicial de minhas observações. Nós estamos incrivelmente distantes das realidades específicas da Internacional Comunista ou da Internacional Socialista ou mesmo da Associação Internacional de Trabalhadores, de Karl Marx. Em alguns sentidos, nós estamos muito à frente de qualquer uma delas – mas, em sentidos muito importantes, socialistas destas três primeiras internacionais operárias estiveram muito à frente de nós. Há muito a se aprender a partir da tradição leninista. Mas deve-se utilizá-la criticamente e de maneira criativa, para que ela faça sentido em nosso contexto e período particulares. Isto acaba sendo central para o método de Lênin.

Internacionalismo em nosso próprio tempo

Eu agora irei me dirigir, nesta segunda parte de meus comentários, a reflexões sobre como nós podemos utilizar e contribuir para a tradição leninista enquanto lutamos pelo socialismo no século XXI.

Eu fiz uma apresentação em Londres, no ano passado, sobre as minhas reflexões a respeito do que penso que será necessário para se prosseguir de maneira frutífera com o processo de construção de um partido revolucionário nos Estados Unidos. O que eu disse então ainda faz sentido para mim, mas uma das camaradas lá fez uma crítica excelente. Meus comentários envolviam uma imersão nas realidades específicas dos Estados Unidos – e ainda acredito que o que fazemos deve estar embasado nas realidades locais e especificidades nacionais das quais somos parte. Mas ela observou que a dimensão internacional estava em grande parte em falta, e eu tive de concordar com ela que isto era uma séria fraqueza. Havia referências a se opor à guerra e ao imperialismo, mas era basicamente isso.

Para marxistas sérios, no entanto, internacionalismo sempre envolveu mais do que isso – e também envolveu muito mais do que solidariedade simplesmente retórica com as lutas dos trabalhadores e oprimidos de todos os países. Significa especialmente basear nossa política nacionalmente específica em uma compreensão do que está acontecendo com o capitalismo enquanto um sistema global, e em interações criativas com irmãs e irmãos lutando contra a opressão e por justiça econômica através do mundo. Lutas, vitórias e derrotas em um lugar impactam as lutas em outros lugares. Importantes lições aprendidas aqui podem fornecer lições incrivelmente úteis em outros lugares. Experiências daqueles que lutam em outros países podem não somente nos inspirar, mas fornecer inestimáveis “insights” [ideias luminosas] a respeito do que nós podemos fazer em seguida em nossos próprios contextos. Isto era verdadeiro no tempo de Lênin, como refletido, por exemplo, na impressionante recuperação multi-volume, que John Riddell e seus companheiros de trabalho estão tornando disponíveis para nós, dos materiais relacionados à jovem Internacional Comunista. Isto é ainda mais verdadeiro em nossa tão vangloriada era da globalização, na qual a organização e a solidariedade da classe trabalhadora através das fronteiras fornecerá indubitavelmente a chave para estratégias vitoriosas tanto em nossos esforços de curto prazo quanto nos de longo prazo para repelir a tirania capitalista e finalmente encerrá-la.

Revolucionários australianos têm feito contribuições atuais para o desenvolvimento de tal internacionalismo, através de conferências como esta e especialmente através do excelente serviço fornecido online com o *Links, the International Journal of Socialist Renewal*. O Fórum Social Mundial, ao menos em seus anos iniciais, também foi parte deste processo global de radicalização. Contribuições vitais também vieram da proliferação dramática de compartilhamento de informações e comunicação a nível mundial através da internet. Grupos revolucionários sérios em todos os países, me parece, precisam encontrar modos de aprimorar tal envolvimento virtual e cara-a-cara, para fortalecer o processo cooperativo de avançar nossas lutas de libertação inter-relacionadas. O internacionalismo revolucionário deve ser mais do que um slogan, deve envolver uma colaboração e atividades que são centrais para nossos esforços.

De pequenos grupos a partidos de massa

Muitos revolucionários se deparam com o desafio de como pequenos grupos socialistas podem gestar partidos socialistas de massa e movimentos de massa. Parte de nós concluiu que é um erro fatal para um pequeno grupo se enxergar como o núcleo ou o embrião de um partido revolucionário de massa. Tal partido irá, na verdade, ser construído através da convergência de elementos de vários grupos, assim como de várias pessoas que não estão no presente em nenhum grupo, e mais ainda que atualmente não se pensam sequer como socialistas. Se cristalizará através de inúmeras experiências e lutas, combinadas com uma ampla subcultura trabalhadora e radical de ideias, discussões e atividades criativas. A criação de um partido revolucionário genuíno, consistente com a orientação do próprio Lênin, só pode se realizar sobre a base de uma porção substancial de uma camada de vanguarda da classe trabalhadora ampla e com consciência de classe. Uma de nossas tarefas principais, enquanto socialistas revolucionários, é fazer tudo o que pudermos – através de lutas de massa, educação socialista, trabalho coletivo – para contribuir para a cristalização de tal camada de vanguarda, uma camada que será a base para um partido revolucionário de massa.

É obviamente importante para os pequenos grupos socialistas existentes trabalhar junto, ao máximo que puderem, para avançar com este processo – um processo que irá fazer com que eles deixem de existir ao se fundirem em um partido revolucionário maior que virá a se formar. Às vezes existe tamanha coincidência substancial entre os princípios básicos de diferentes grupos que faz sentido para eles se tornarem um único e maior grupo enquanto trabalham para ajudar a criar as pré-condições de um partido revolucionário de massas genuíno. Às vezes existem obstáculos que fazem tais fusões improváveis ou impossíveis – podem existir desacordos fundamentais em torno do processo ou do desejo de se criar um partido revolucionário de massa, podem existir desacordos fundamentais sobre como se relacionar com as forças políticas capitalistas e podem existir desacordos fundamentais em torno da relação entre democracia e socialismo. Tais desacordos fundamentais podem significar que a unidade organizacional não está nas cartas – mas ainda pode existir a base para, e o desejo de, o que Lênin uma vez chamou de “unidade na luta” e o que às vezes é referido como frentes únicas¹⁹.

No meio do levante revolucionário de 1905 na Rússia, Lênin argumentou contra um chamado para que todos os diferentes grupos revolucionários deixassem suas diferenças de lado e se unissem em um único grupo. “Nos interesses da revolução”, ele escreveu, “nosso ideal não deve de modo algum ser que todos os partidos, todas as tendências e todos os espectros de opinião se fundam em um caos revolucionário”. Ele se referiu a outros “experimentos precipitados e superficiais” em tal unidade, buscando “amontoar juntos os mais heterogêneos elementos” que adquiriram um pouco mais do que “atrito mútuo e decepção amarga”. Por outro lado, se grupos diversos se focarem em como avançar uma luta específica em torno de direitos democráticos ou de justiça econômica – concordando em discordar sobre pontos divergentes enquanto cooperam para atingir um objetivo imediato significativo – muito pode ser alcançado. Enquanto diferenças fundamentais existirem, insistia Lênin, “nós devemos inevitavelmente ter de marchar separados, mas podemos golpear juntos mais de uma vez, e particularmente agora” em meio à insurgência revolucionária²⁰. A história também nos mostra que, na medida em que a experiência prática elimina diferenças fundamentais, torna-se possível para diferentes forças se unir em uma única organização, com resultados muito

¹⁹ Lenin, “A militant agreement for the uprising”, em *Revolution, democracy, socialism*, p. 174 e 177.

²⁰ *Ibid.*, p. 174 e 179-180.

positivos. Este foi o caso em certas fases na Rússia revolucionária e em vários outros exemplos.

Parece que as circunstâncias na Austrália hoje podem estar contribuindo para que alguns grupos vão além da simples “unidade na luta” em direção à conquista de uma unidade organizacional que poderia fortalecer enormemente os esforços dos socialistas revolucionários. Esta experiência é muito empolgante, está sendo observada e fornecerá lições inestimáveis para revolucionários em outros países.

Flexibilidade com princípios

Relacionado a isso, vale notar outro elemento essencial ao método de Lênin – o modo como ele combinava uma insistência na clareza de princípios básicos (aqueles do marxismo revolucionário) com o que pode ser chamado de uma flexibilidade com princípios. Várias pessoas, incluindo críticos severos dentre os mencheviques que o conheciam bem, ficavam impressionadas por sua extrema desinclinação a fazer um show de seu próprio conhecimento, e por seu profundo desejo de aprender com outros – especialmente companheiros ativistas revolucionários, trabalhadores e camponeses. Ele compreendeu que é preciso ser capaz de ouvir e aprender com aqueles que se pretende ensinar, e que o desenvolvimento do conhecimento é interativo e coletivo. Ele aprendeu mesmo de adversários políticos – o liberal britânico J. A. Hobson influenciou fortemente seu livro *Imperialismo, estágio superior do capitalismo*, os anarquistas influenciaram o seu clássico *O Estado e a revolução*, os populistas do Partido Socialista-Revolucionário o influenciaram a ponto de fazê-lo roubar seu programa agrário de terra para os camponeses, e durante o levante revolucionário de 1905 ele repreendeu alguns camaradas bolcheviques que eram mais atraídos pela retórica revolucionária do que pelas lutas operárias práticas, dizendo: “Aprendam uma lição com os mencheviques, pelo amor de Deus!”²¹.

Em mais de um sentido, a abordagem teórica de Lênin não era um sistema fechado, mas antes o que pode ser chamado de um marxismo aberto. Ele chamou isso de um guia para ação, enfatizando que a realidade é sempre muito mais complexa, vibrante e multicolorida do que a teoria jamais poderá ser, e que a teoria deve ser desenvolvida e renovada continuamente através do envolvimento com a luta política e experiência reais. Este é o tipo de marxismo que nós precisamos para compreender o capitalismo em rápido desenvolvimento de nosso tempo, e as realidades multifacetadas e fluidas da vida e da experiência da classe trabalhadora. Isto envolve as mudanças e flutuações dramáticas com relação às profissões da classe trabalhadora e o processo de trabalho, e a proletarianização de amplas faixas da força de trabalho não tradicionalmente entendidas como “classe trabalhadora”. Também envolve a interação entre classe e etnia, raça, gênero, religião, cultura, etc. A abordagem de Lênin ajuda a nos orientar na impressionante dinâmica da globalização, e a compreender que problemas frequentemente entendidos como “políticas de identidade” são inseparáveis da política de classe. Isto aparece na famosa passagem de *Que fazer?*, da qual vale nos recordarmos de novo e de novo:

²¹ Lênin citado em Paul Le Blanc, *Lenin and the revolutionary party* (Amherst, NY: Humanity Books, 1993), p. 117.

O ideal do social-democrata não deve ser o secretário de sindicato, mas *o tribuno do povo*, que é capaz de reagir a toda manifestação de tirania e opressão, não importando onde apareça, não importando qual camada ou classe do povo seja afetada; que é capaz de generalizar todas estas manifestações e produzir um quadro único da violência policial e da exploração capitalista; que é capaz de tirar vantagem de todo acontecimento, por menor que seja, para explicar *diante de todos* suas convicções socialistas e suas demandas democráticas, para esclarecer para *todos* e todo mundo a significação histórico-mundial da luta pela emancipação do proletariado.²²

Isto permanece tão verdadeiro agora como o era há cem anos atrás.

A centralidade da democracia

Isto também se encaixa com a centralidade da democracia para a luta da classe trabalhadora pelo socialismo, que Lênin estava enfatizando dois anos antes da revolução bolchevique. Vale também fazer uma citação longa, porque ajuda a definir o que nós devemos estar fazendo hoje na luta pelo socialismo em nosso próprio século:

O proletariado não pode ser vitorioso se não através da democracia, isto é, dando efeitos totais à democracia e vinculando com cada passo de sua luta demandas democráticas formuladas nos termos mais resolutos... Nós devemos *combinar* a luta revolucionária contra o capitalismo com um programa e táticas revolucionários sobre todas as demandas democráticas: uma república, uma milícia, a eleição popular de oficiais, direitos iguais para as mulheres, a autodeterminação das nações, etc. Enquanto o capitalismo existir, estas demandas – todas elas – só podem ser atingidas como uma exceção, e mesmo assim de uma forma incompleta e distorcida. Nos baseando na democracia já alcançada, e expondo sua incompletude sob o capitalismo, nós reivindicamos a derrubada do capitalismo, a expropriação da burguesia, como uma base necessária tanto para a abolição da pobreza das massas quanto para a instituição *completa e generalizada* de *todas* as reformas democráticas. Algumas destas reformas serão iniciadas antes da derrubada da burguesia, outras *no curso* de tal derrubada, e outras ainda depois disso. A revolução social não é uma batalha única, mas um período cobrindo uma série de batalhas a respeito de todo tipo de problemas de reforma econômica e democrática, que são consumados somente pela expropriação da burguesia. É em prol deste objetivo final que nós devemos formular *cada uma* das nossas demandas democráticas de um modo revolucionário consistente. É bastante concebível que os trabalhadores de um país particular derrubem a burguesia *antes* mesmo de uma única reforma democrática fundamental ser plenamente atingida. É, no entanto, bastante inconcebível que o proletariado, enquanto classe histórica, será capaz de

²² Lenin, *What is to be done?*, em *Revolution, democracy, socialism*, p. 143.

derrotar a burguesia, a não ser que ele esteja preparado para isso ao ser educado no espírito da mais consistente e resoluta democracia revolucionária.²³

A centralidade da democracia na luta pelo socialismo se aplica não somente nas lutas sociais e políticas dentro da sociedade, mas também na estrutura e prática internas da própria organização socialista. Em meu livro *Lenin and the revolutionary party* [*Lênin e o partido revolucionário*] e em outros lugares, escrevi um tanto sobre o verdadeiro significado e prática do conceito de “centralismo democrático” – que Lênin definiu como total liberdade de discussão e unidade na ação, e outros escreveram sobre isso também. Foi documentado que a organização bolchevique possuía um grau considerável de democracia interna. Já observamos aqui como isso mudou dramaticamente sob o domínio de Josef Stálin. Se tratou de um desenvolvimento desastroso majoritariamente enraizado na devastação e no isolamento da Rússia Soviética no meio dos anos de guerra civil, combinados com o atraso econômico e pobreza extremos da economia russa. Isto resultou naquilo que eram para terem sido medidas de emergência que, na verdade, se tornaram permanentes – que eliminaram qualquer democracia genuína na União Soviética, e também eliminaram a democracia interna genuína em todos os partidos comunistas controlados pela direção de Stálin.

Cultura interna e desenvolvimento de quadros

O que nós encontramos, mesmo entre as várias organizações anti-stalinistas comprometidas com o socialismo revolucionário, são – em nome do leninismo e do “centralismo democrático” – práticas que ceifam a possibilidade do tipo de democracia interna que parece ter existido, historicamente, na organização de Lênin. Tal democracia interna é uma característica que tornou possível aos bolcheviques serem o tipo de força revolucionária que triunfou em 1917. Uma das razões para a decepcionante falta de tal tipo de democracia em vários grupos socialistas relativamente pequenos nos últimos anos pode ter haver com uma limitação em sua auto-concepção. Alguns funcionam, mais ou menos, como seitas, criando seu próprio universo político que envolve uma auto-concepção de que eles constituem a “vanguarda revolucionária” (ou o núcleo correto em termos políticos em torno do qual uma vanguarda deve se formar). A esperança no futuro é frequentemente vista preservando a autoridade e a pureza ideológica da preciosa organização de alguém. Isto pode engendrar rigidezes ideológicas e organizacionais que distorcem o modo como o centralismo democrático (particularmente a “plena liberdade de discussão”) poderia ser entendido e praticado.

Se nossa auto-concepção é a de que nós ainda não temos um partido revolucionário (nem mesmo em embrião), e que o nosso propósito é ajudar a criar as pré-condições que poderiam tornar a emergência de tal partido possível, isto poderia incentivar um tipo diferente de prática interna, em alguns sentidos combinando com o modo como lidaríamos com aqueles que estão fora do nosso grupo. Um objetivo principal seria gerar mais e mais reflexão, experiência e criatividade entre camaradas e os demais, enquanto ativistas estão trabalhando juntos para criar uma força que pode, de maneira bem-sucedida, desafiar o capitalismo. Há indícios de que, de fato, um extenso processo pré-partido como este – mesmo em condições de clandestinidade – existiu

²³ Lenin, “The revolutionary proletariat and the right of nations to self-determination”, em *Revolution, democracy, socialism*, p. 233-234.

durante os anos de 1890 e no início de 1900 entre os revolucionários de orientação marxista, criando uma subcultura que nutriu uma genuína democracia interna quando o Partido Operário Social-Democrata Russo (e a fração bolchevique) finalmente se formou.

Uma das revolucionárias em formação daquele tempo, Eugenia Levitskaya, posteriormente lembrou: “Recuperando em minha mente a massa de camaradas com os quais eu tive a oportunidade de me encontrar, não consigo me lembrar de um só ato repreensível ou mesquinho, um só engano ou mentira. Havia atrito. Havia diferenças fracionais de opinião. Mas não mais do que isso. De algum modo todos se vigiavam moralmente, se tornavam melhores e mais gentis naquela família de amigos”. (Este sentido das coisas pode ser encontrado em um contexto diferente muitos anos depois, quando o revolucionário veterano James P. Cannon comentou: “A verdadeira arte de ser um socialista consiste em antecipar o futuro socialista; em não esperar por sua efetiva realização, mas em se esforçar aqui e agora, na medida em que as circunstâncias da sociedade de classes permitem, para viver como um socialista; para viver sob o capitalismo de acordo com os mais altos padrões de um futuro socialista”.) Uma elaboração vibrante desta subcultura camarada entre os revolucionários russos é expressa no romance de Máximo Gorki de 1906, intitulado *A mãe*: “Os mais puros de coração, os mais refinados na mente estão se movendo contra o mal e pisando na falsidade”. Uma figura central nesta subcultura, Lênin escreveu no *Que fazer?* a respeito do ideal organizacional de 1902 como “um próximo e compacto corpo de camaradas no qual a confiança completa e mútua prevalece”. Mesmo no interior das ferozes controvérsias polêmicas entre os comunistas russos em 1920, Lênin citou Trotsky – com quem ele estava então em duro desacordo – dizendo que “a luta ideológica dentro do partido não significa ostracismo mútuo, mas influência mútua”²⁴.

Um dos mais importantes elementos nesta subcultura, creio, deveria ser uma inclusividade que persistente e insistentemente trabalha para superar, na organização revolucionária, as opressões divisoras do racismo, sexismo, heterossexismo e outras dinâmicas destrutivas que estragam as relações humanas na sociedade em geral. Às vezes isto pode gerar tensões e conflitos dolorosos. Processos escrupulosamente democráticos, combinados com reflexão e sensibilidade consideráveis, serão necessários para ajudar a manter o equilíbrio e a coesão enquanto a organização trabalha franca e seriamente rumo a resultados frutíferos.

Tal subcultura geral contribui para a realização de um objetivo principal de qualquer organização revolucionária que se preze – o desenvolvimento de quadros duráveis. Com este termo *quadro* eu me refiro a ativistas experientes, educados em teoria política, analiticamente orientados, com habilidades organizativas práticas, que são capazes de atrair e treinar novos membros da organização revolucionária e também de contribuir para expandir os esforços nos movimentos de transformação social mais amplos. Isto significa conhecer algo da história da luta de classes e das lutas de libertação mais amplas, conhecer as realidades econômicas e políticas da sociedade, saber como avaliar uma situação, saber como interagir com outros para ajudar a transmitir este

²⁴ Levitskaya citada em Leon Trotsky, *Stalin: na appraisal of the man and his influence* (New York: Stein and Day, 1967), p. 53-54; James P. Cannon, “Happy birthday, Arne Swabeck” (entregue em 1953), Cannon Internet Archive, <http://www.marxists.org/archive/cannon/works/1953/hbaswab.htm>; Maxim Gorky, *Mother* (New York: Collier Books, 1962), p. 344; para a citação de Lenin do *Que fazer?*, ver Le Blanc, *Lenin and the revolutionary party*, p. 53; Lenin citando Trotsky em “Once again on the trade unions” (1921), no Lenin Internet Archive: <http://www.marxists.org/archive/lenin/works/1921/jan/25.htm>.

conhecimento a eles, saber como organizar reuniões e ações políticas. Tais qualidades precisam ser desenvolvidas entre um número crescente de pessoas. A proliferação de tais quadros duráveis é essencial para todas as lutas de vida que levam à possibilidade da revolução socialista.

Tomando o poder para realizar o socialismo

O pensamento de Lênin, como o filósofo marxista Georg Lukács enfatizou nove décadas atrás, estava inspirado por um senso da “atualidade da revolução”, que seria essencial no estabelecimento (como Lukács coloca) de “linhas de guia firmes para todas as questões na agenda do dia, fossem elas políticas ou econômicas, envolvessem teoria ou táticas, agitação ou organização”²⁵. Isto é, Lênin estava preocupado em todo o seu pensamento e atividade políticos com a questão do que seria necessário para – efetivamente – tomar o poder. Não retoricamente ou teoricamente, mas *de fato*, e então fazer exatamente aquilo.

Nosso propósito – como socialistas revolucionários – não é simplesmente persuadir as pessoas de que o socialismo poderia ser tão melhor que o capitalismo. Nosso propósito não é simplesmente protestar, e organizar protestos, contra a injustiça capitalista. Nosso propósito não é simplesmente interpretar a história e os acontecimentos atuais (ou qualquer outra coisa) de um ponto de vista revolucionário. Na verdade, nosso propósito principal é derrubar as relações de poder existentes, e colocar o poder político nas mãos de uma classe trabalhadora organizada e com consciência de classe, que esteja determinada a estabelecer a democracia socialista. Todo o resto que fazemos politicamente deve estar submetido à realização deste propósito principal.

Eu gostaria de concluir com duas noções adicionais sobre o que pode ser preciso fazer, por parte de um partido revolucionário que efetivamente pretende implementar a abordagem democrático-revolucionária, para realizar o socialismo, que nós vimos Lênin apresentar na longa citação sobre lutas democráticas que fizemos minutos atrás. Uma noção tem a ver com os modos pelos quais as lutas práticas no aqui e agora podem ser integradas em uma estratégia para a tomada do poder pela classe trabalhadora. A outra noção envolve definir um pouco mais especificamente como efetivamente seria o socialismo pelo qual estamos lutando, para ajudar a guiar as lutas práticas de hoje e de amanhã.

A orientação estratégica dos “velhos bolcheviques” que Lênin desenvolveu com seus camaradas envolvia a noção de que uma aliança operário-camponesa realizaria a revolução democrática que iria derrubar a opressão monarquista e abrir o caminho para uma efetiva luta pelo socialismo. Isto foi popularizado na agitação e mobilização políticas ao redor de três demandas: (1) uma jornada de trabalho diária de oito horas para trabalhadores, (2) redistribuição de terras para camponeses e (3) uma assembleia constituinte para estabelecer uma república democrática. Estas vieram a ser conhecidas como “as três baleias do bolchevismo” – baseado no popular folclore russo de que o mundo estava equilibrado nas costas de três baleias²⁶.

²⁵ Georg Lukács, *Lenin: a study on the unity of his thought* (London: Verso, 2009), p. 11-13.

²⁶ Le Blanc, *Lenin and the revolutionary party*, p. 182.

Quais são as “três baleias” de sua perspectiva revolucionária própria aqui na Austrália e qual é a nossa nos Estados Unidos? Qual é a orientação estratégica que poderia levar a classe trabalhadora ao poder na sociedade hoje, e como isto pode ser expresso em lutas populares e práticas no aqui e agora, de um modo que possa capturar as imaginações de massas de pessoas? Encontrar respostas para tais questões é um desafio diante dos socialistas revolucionários de todo e qualquer país no século vinte e um.

Outras linhas de guia para as lutas práticas de hoje e amanhã precisam ser fornecidas pela questão de como efetivamente seria o socialismo pelo qual estamos lutando. Se tornou uma tradição para os marxistas debochar, de maneira orgulhosa e indignada, dizendo que nós não podemos fornecer “projetos utópicos” da sociedade futura, e há uma validade para isso. Mas me parece que as realidades de hoje em dia estão erodindo esta validade.

Por décadas nós temos sido tratados como o espetáculo de partidos que alegam serem socialistas chegando ao poder (ou ao menos sendo votados para o governo) e então – em contradição com seus objetivos declarados – levando a cabo políticas assim chamadas “realistas” concebidas para a salvação e manutenção de uma ou outra versão do capitalismo realmente existente. Em alguns casos isto se combina com o corte de reformas do estado de bem-estar implementadas previamente. Nós pretendemos fazer melhor do que isso? Se sim, nós precisamos descobrir como, e ser capazes de explicar isso para aqueles cujo suporte massivo será necessário²⁷.

Se há uma alternativa para o impasse atual do capitalismo, e para o próprio capitalismo, nós precisamos ser capazes de dizer – bem especificamente – como isto seria e, com ao menos algumas especificações chave, como isto seria feito. Envolveria uma sociedade livre da pobreza e do desemprego, com educação, saúde pública e moradia decentes para todos, com uma infraestrutura econômica segura (incluindo sistemas de transporte de massa), com a eliminação da poluição do ar e da água e do uso destrutivo dos recursos naturais. Envolveria liberdade e justiça para todos, com o desenvolvimento de cada um sendo a condição do livre desenvolvimento de todos. Isto envolveria uma democracia econômica, para assegurar que os recursos econômicos da sociedade seriam utilizados para tornar estas mudanças propostas uma realidade.

Tais coisas podem ser explicadas de modos que destaquem como elas podem efetivamente ser levadas a cabo, baseadas em especificidades do mundo real. Isto pode, conseqüentemente, fornecer a base para lutas imediatas – lutas cujo começo está em nosso presente na sociedade capitalista, mas cujo fim nos levará para além daquele quadro em direção ao futuro de democracia genuína e liberdade. O socialismo que queremos pode estar implantado nas lutas de hoje e nas vitórias de amanhã. Alguns podem ver esta abordagem como sendo de algum modo similar ao “Programa de Transição” de Leon Trotsky, embora no *Manifesto Comunista* Marx e Engels pareçam ter esboçado uma abordagem semelhante, sugerindo que:

²⁷ Para os Estados Unidos, um esforço inicial (talvez preliminar) nesta direção é oferecido por Francis Goldin, Debby Smith e Michael Steven Smith, eds., *Imagine!: living in a socialista USA* (New York: HarperCollins, 2013).

No início, isto não poderá ser realizado se não por meio de incursões despóticas nos direitos de propriedade e nas condições de produção burguesa; por meio de medidas, então, que parecem economicamente insuficientes e insustentáveis, mas que, no curso do movimento, ultrapassarão a si mesmas e necessitarão de futuras incursões sobre a antiga ordem social, e que são inevitáveis enquanto meios de revolucionar inteiramente o modo de produção.²⁸

O desafio para nós é sermos cada vez mais específicos e práticos a respeito da alternativa socialista ao capitalismo, construindo organizações e movimentos que possam desenvolver consciência de massa e lutas de massa capazes de realizar tal alternativa. Este é o ponto do que nós estamos fazendo – a atualidade da revolução, a culminação do que muitos de nós, muitos de nossos irmãos e irmãs, têm lutado por durante tantos anos, um futuro socialista a ser criado no século XXI.

Recebido em 11-01-2022

Aprovado em 12-06-2022

²⁸ Este ponto é enfatizado em Cooper e Hardy, *Beyond capitalism? The future of radical politics*, p. 144, 154-155 e 156. Esta é uma questão abordada em Leon Trotsky et al., *The transitional program for socialist revolution* (New York: Pathfinder Press, 1977). Pensando sobre isso em relação aos Estados Unidos, ver Paul Le Blanc e Michael Yates, *A freedom budget for all americans: recapturing the promise of the civil rights movement in the struggle for economic justice today* (New York: Monthly Review Press, 2013).